

ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS E O CONSTRUTIVISMO



CRISLAINE MUNHOZ TAVARES

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Universidade Metodista de São Paulo (2010); Especialista em Pós-Graduação Educação Infantil pela Faculdade Instituto Educacional Global ABC (2014); Pós-Graduação Ludo pedagogia pela Faculdade Gennari e Pear tree (FGP)(2022) Pós-Graduação Arte de contar Histórias (2023) Professora de Educação Infantil (CEI) Prefeitura de São Paulo.

RESUMO

A criança sobre a língua escrita ao contrário do que o adulto possa pensar, mesmo antes que ela entre na escola ela já têm suas concepções próprias de pensamento para que possa construir a escrita. As crianças constroem hipóteses que vão evoluindo até que se alfabetize. Quanto mais a criança participar de um ambiente alfabetizador, com recursos suficientes nas diversas práticas sociais, trazendo do seu contexto do cotidiano suas observações em uma linguagem natural para o seu desenvolvimento, será mais fácil para ela passar de uma hipótese para outra. Esperamos desta forma contribuir com aqueles que estiverem procurando orientações sobre este assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Construtivismo; Leitura e Escrita; Hipóteses.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi escrita como resultado de estudos e observação realizadas durante o curso de pedagogia da Universidade Metodista de São Paulo.

O tema refere-se na observação das hipóteses de escrita que as crianças já possuem mesmo antes de frequentarem a escola e ajudará muito a entendermos qual o pensamento da criança em relação à língua escrita.

Saber que ela tem suas próprias concepções de escrita e que através de observações e tentativas, vai passando de uma hipótese a outra até se alfabetizarem.

Citarei as hipóteses de escrita e a importância de um ambiente alfabetizador para que a

Ao ingressar na escola, temos que pensar que as crianças têm suas próprias ideias e construções a respeito da língua escrita, assim a pesquisa tentará esclarecer a construção das hipóteses pelas crianças, sua forma de pensar e interagir com o processo de leitura e escrita, do quanto é importante para a criança, assim valorizando e respeitando as suas experiências com o mundo e a sua linguagem no processo da escrita, podendo assim progredir e construir seu próprio aprendizado.

ALFABETIZAÇÃO ANOS INICIAIS: A LÍNGUA ESCRITA COMO FATOR SOCIAL

Podemos observar que segundo Emília Ferreiro (2005), há muitos séculos a escrita era vista como ofício e era atribuído geralmente a um escravo o ofício de escriba, pois escrever naquela época demandava grande esforço.

Os tempos passaram e as formas de escrever também mudaram, um novo sentido foi dado à leitura e a escrita de acordo com as sociedades e os tempos históricos.

Criou-se a escola pública com o intuito de dar acesso às pessoas de adquirirem os saberes constituídos pela sociedade. Mas o que acontece é que por mais que a escola está introduzindo métodos tecnológicos e o construtivismo, ainda continua a tradição antiga, o de ensinar a ler e escrever como uma técnica do traçado das letras e da oralidade, sendo que primeiro se aprende a traçar as letras para depois se aprender a ler.

Os que não dominam a técnica são tidos como fracassados e a responsabilidade desse fracasso é exclusivamente do aluno e não do método.

Na realidade o fracasso escolar é devido à forma como é tratada a alfabetização inicial.

O tempo de escolaridade obrigatória tem aumentado, mesmo assim ainda não se assegura a formação de leitores no sentido pleno.

Também posteriormente foi atribuído à família o fracasso escolar, onde há déficit cultural há um fracasso escolar.

Pobreza e analfabetismo andam juntos, então se há uma patologia, essa é de nível social. Nos países mais pobres os índices de analfabetismo são grandes, a falta de alimentação, de emprego e condições de higiene contribuem muito e estes países não conseguem superar o analfabetismo.

Já nos países ricos há o iletrismo, ou seja, a escola básica não desenvolve o prazer pela leitura.

À escola deve alfabetizar para a vida e para o trabalho, incluindo também uma alfabetização em nível das novas tecnologias. Mas como a escola pública pode agregar tudo isso sendo que está cada vez mais pobre e com professores mal capacitados e mal remunerados? Hoje as pessoas precisam entender vários assuntos, tomar decisões com rapidez, estar bem-informadas, pois a sociedade está em constante transformação.

A escola pública que mal alfabetiza para o jornal e a biblioteca se vê com o desafio de alfa-

betizar para a internet que está cada vez mais entrando para a sala de aula, assim tantas questões como: deve se ensinar a escrever com letra cursiva ou bastão? Deve se ensinar a ler por sílabas ou palavras? Elas estão trazendo mudanças profundas na maneira de se comunicar e receber informações, novos estilos de fala e escrita estão sendo criados, saber navegar na internet já faz parte dos objetivos escolares.

Percebemos que na língua escrita como fator social: as crianças observam os adultos escrevendo, lendo em situações do cotidiano e vão aprendendo através dos atos sociais de leitura e escrita. As crianças têm seus conhecimentos prévios acerca da linguagem escrita que devem ser bem aproveitados no processo de alfabetização.

Observamos que as crianças constroem a escrita mesmo antes de entrarem na escola e têm suas próprias concepções de escrita que devem ser bem aproveitadas nesse processo.

As produções espontâneas das crianças devem ser consideradas, mesmo nas garatujas que já há intenção de escrita. O que devemos considerar é que elas têm suas concepções que devem ser respeitadas, e quando as crianças entram na escola, já possuem suas ideias e a linguagem diante do seu cotidiano trazendo uma linha de evolução para aprender a ler e escrever.

A prática do diagnóstico da sondagem tem como objetivo conhecer o que a criança pensa sobre como funciona o sistema alfabético da escrita.

E temos as fases da alfabetização começando pela Hipótese pré-silábica: ainda não há entendimento que as letras representam partes sonoras das palavras e geralmente usam as mesmas letras para escrever várias palavras.

Hipótese silábica: a escrita já possui valor sonoro, cada letra representa uma sílaba. É caracterizada pela variação de letras, para obter escritas diferenciadas variam a quantidade de letras de uma escrita para a outra, mas ainda não há o entendimento de que as letras representam as partes sonoras das palavras é o que nos dizem Ana Teberosky e Teresa Colomer, (2003) “de acordo com as hipóteses infantis iniciais. Os grafismos são mais definidos e se aproxima mais as letras.

Permanece a ideia de que para se escrever algo devem existir pelo menos três letras e que essas letras precisam ser variadas, costumam usar as mesmas letras para escrever várias palavras, somente mudando a posição.

Hipótese silábica alfabética: a criança já é capaz de entender o sistema alfabético. Este nível é caracterizado por cada letra ter seu valor sonoro numa escrita, cada letra vale por uma sílaba e a criança evolui muito em relação às hipóteses anteriores.

Uma vez bem instalada a hipótese silábica, a exigência da variedade e quantidade reaparecem, aí surge um conflito cognitivo, ao escrever uma palavra dissílaba, a criança é obrigada a usar somente duas letras e o conflito ainda é maior quando se precisam escrever monossílabos como: eu, sal etc., porque provavelmente terá de usar uma única letra e com uma única letra não se pode ler.

Através da pesquisa concluímos que a criança tem suas próprias concepções a respeito da

língua escrita e para que ela possa evoluir em suas concepções, o papel do adulto é de fundamental importância neste processo.

As crianças e as hipóteses de escritas: já há intenção de escrita mesmo nas garatujas deve ser levado em consideração, pois não são somente rabiscos e sim a intenção da escrita, pois sabemos que para aprender a ler e a escrever a criança precisa buscar entendimento e compreender todo o seu esforço para descobrir que a escrita representa a fala e que essa representação está pautada na correspondência entre segmentos falados e escritos.

A escola pública que mal alfabetiza para o jornal e a biblioteca se vê com o desafio de alfabetizar para a internet que está cada vez mais entrando para a sala de aula, assim tantas questões como: deve se ensinar a escrever com letra cursiva ou bastão? Deve se ensinar a ler por sílabas ou palavras? Elas estão trazendo mudanças profundas na maneira de se comunicar e receber informações, novos estilos de fala e escrita estão sendo criados, saber navegar na internet já faz parte dos objetivos escolares.

Mas será que as novas tecnologias serão capazes de superar o analfabetismo? Os menos favorecidos terão o privilégio de participar desses conhecimentos? Difícil se prever, mas o que é claro é que o aprender faz parte da criança, ela aprende enquanto cresce, estão constantemente observando os adultos e se perceberem que algo que os adultos fazem é importante, vão logo querer aprender.

Toda criança que convive com leitores antes de entrarem na escola, terá mais facilidade de aprender a ler e a escrever, quando os adultos leem para as crianças elas tem a possibilidade de ingressarem na língua escrita de uma forma “mágica” e desafiante e se tornarão leitoras, já as que ingressam por meio do treino de “habilidades básicas”, terão um destino incerto.

As crianças pensam a respeito da escrita e esse pensamento tem coerência o adulto precisa ter a capacidade de escutar o que elas falam, observar seus primeiros desenhos e escritas porque com certeza eles dizem algo.

Como nos diz Emília Ferreiro (2008) a respeito da visão construtivista do erro:

Trata-se às vezes de ideias que não são erradas em si mesmas, mas aparecem como errôneas porque são sobre generalizadas, sendo pertinentes apenas em alguns casos, ou de ideias que necessitam ser diferenciadas ou coordenadas, ou, às vezes, ideias que geram conflitos, que por sua vez desempenham papel de primeira importância na evolução. (p.82).

Mesmo antes de entrar na escola a criança já possui conhecimentos prévios sobre a língua escrita, Ana Teberosky e Núria Ribera, (2004) comentam que na maneira tradicional de ensino os conhecimentos prévios da criança não eram considerados.

Antes da alfabetização a criança era submetida a uma série de exercícios de prontidão para que tivesse condições de se alfabetizar. Hoje sabemos que isso não é verdade, as crianças têm seus conhecimentos prévios acerca da linguagem escrita que devem ser bem aproveitados no processo de alfabetização.

Ana Teberosky Teresa Colomer, (2003) comentam a esse respeito.

no desejo de aprender. As crianças que têm melhores vínculos afetivos, em famílias que apresentam situações estimulantes de leitura compartilhada, mostram-se mais interessadas pela escrita, pedem mais leituras de livros e fazem mais perguntas sobre as letras. (p.130).

A criança observa e imita o adulto lendo, ou seja, a maneira de pegar o livro de folhear e olhar o jornal, as revistas, as cartas etc., servem para auxiliar a criança, a saber, que tipo de texto cada objeto representa, como exemplo; no livro pode se ler um conto, uma história, informação, num jornal pode se ler notícias, esporte, lazer, cultura.

Ela saberá que um conto pode ser lido de forma linear, escutar a leitura em voz alta feita pelo adulto, participar da leitura nomeando os desenhos de um livro, saber o que contém um jornal, um livro de receitas, um gibi etc., auxiliam muito a criança em sua fase inicial de alfabetização.

Mesmo sem saber escrever a criança pode ir se apropriando das várias formas de texto e os aspectos da língua.

Ao ditar em voz alta para um adulto uma carta, por exemplo, que quer enviar a um amigo, a criança aprende como deve ser a forma de se escrever uma carta e ao ouvir a resposta dela, aprende a interpretar a mensagem para poder enviar sua resposta.

A escrita é tão importante na escola como fora dela. O que acontece na maior parte das vezes é que na escola a linguagem deve ser fielmente reproduzida, a gramática deve ser muito bem aplicada.

A linguagem é apresentada como um objeto imutável e como um objeto em si; se propõe às crianças orações para serem lidas e copiadas, desconsiderando-se assim a inteligência infantil.

A melhor forma de ajudar as crianças principalmente às de condições menos privilegiadas seria fazê-las compreender a representação da linguagem e suas funções sociais, o valor dos portadores de escrita (livros, jornais, cartas, cartazes informativos, bulas de remédio etc.) e a leitura compreensiva deles, despertar atitudes de curiosidade e a produção de textos com segurança.

Esses conhecimentos são adquiridos pelas observações que as crianças fazem daquilo que existe ao seu redor, também como já disse anteriormente, ambientes onde há afetividade, onde os pais leem histórias para seus filhos, estão assim enriquecendo seus conhecimentos. Inicialmente a criança acha que para haver leitura precisa se dizer algo em voz alta.

Num segundo nível de interpretação a criança sabe quando está sendo realizada uma leitura silenciosa, afirmam que para ler tem que olhar, virar as folhas, procurar o que se quer ler.

Vale ainda ressaltar que o ambiente que a criança convive influencia muito a percepção da criança. No terceiro nível a criança leva em conta o tempo de fixação do olhar para o texto.

Nenhuma das crianças observadas sabia ler, mas, no entanto, através da observação puderam chegar à conclusão se havia ato de leitura ou não, e neste nível a criança já sabe que pode haver leitura silenciosa.

Outras experiências foram realizadas, agora para saber se as crianças eram capazes de diferenciar os diversos tipos de textos. Inicialmente a criança acha que para haver leitura precisa se

dizer algo em voz alta.

No terceiro nível a criança leva em conta o tempo de fixação do olhar para o texto.

Nenhuma das crianças observadas sabia ler, mas, no entanto, através da observação puderam chegar à conclusão se havia ato de leitura ou não, e neste nível a criança já sabe que pode haver leitura silenciosa.

Outras experiências foram realizadas, agora para saber se as crianças eram capazes de diferenciar os diversos tipos de textos. Quando um adulto lia num jornal um conto de fadas, por exemplo, e ao ser perguntado para a criança o que o adulto estava fazendo, num nível inicial ela dizia que estava lendo e não se questionava se num jornal se pode ler um conto de fadas.

Uma outra proposta é ao ditar em voz alta para um adulto uma carta, por exemplo, que quer enviar a um amigo, a criança aprende como deve ser a forma de se escrever uma carta e ao ouvir a resposta dela, aprende a interpretar a mensagem para poder enviar sua resposta.

Deduz-se então que deve haver um processo de interação com os objetos sociais de leitura e escrita para que o conhecimento possa ocorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa, o intuito era esclarecer que as crianças mesmo antes de frequentarem a escola têm suas próprias concepções de escrita que vão evoluindo conforme vão passando de uma hipótese a outra. Ficou provado também que o aprender faz parte da criança e que ela aprende observando tudo a sua volta. A criança observa e imita comportamentos de leitura e escrita, através dos atos sociais que elas devem ter e entender o pensamento da criança em relação à língua escrita e de como o professor(a) deve ajudar a criança a evoluir nas suas hipóteses de escrita no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**, Porto Alegre, RS, Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**, Cortez Editora, 1994.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a Escrever – uma proposta construti-**

TEBEROSKY, Ana; GALLART SOLER, Marta & Colaboradores. **Contextos de Alfabetização Inicial**, Porto Alegre Artmed, 2004.

FERREIRO, Emília. **Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever**, Cortez Editora, 2005.